

MARIA DE ADORINA: A GUARDIÃ DA ESPERANÇA EM “GRANDE SERTÃO VEREDAS”

Sergio Dayrell Porto

(Prof. da UNB e membro do INEP-MEC)

Introduzindo-nos à problemática — semiótica e literatura, começamos por roubar a expressão — **mulher: guardiã da esperança** e, até uma outra melhor — **mulher: portadora da utopia**, da socióloga ...Maria da Conceição D’Incao, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea — o CEDEC de São Paulo. Dias atrás, expondo seus trabalhos sobre os bóias-frias da região de Ribeirão Preto, durante seminário internacional promovido pela Unesco/Intercom, referiu-se ao papel da mulher na luta contra o empreiteiro — **o gato** desonesto e opressor, intermediário entre as usinas e os operários. Para ela a mulher é uma consciência a mais, diante das péssimas condições de vida a que a nação industrial submete, ainda hoje, milhares de brasileiros mutilados pela amargura do corte da cana de açúcar.

A mulher contra o gato e os usineiros, é figura real e ficcional e tem força inspiradora para as reflexões que se seguem.

Sem metáforas, a mulher guarda a esperança dela própria e a de seu companheiro, o homem.

Também, a mulher porta a utopia dos seres humanos, diante de um topos trágico na previsão e provisão de dias mais justos e prazerosos.

A mulher passa a ser então um signo da não aceitação e um símbolo da mudança que vem vindo. A mulher porta as características de uma semiologia crítica, que se revela contra os sintomas e os ícones das hegemonias dominantes. Uma semiologia crítica que se opõe aos saberes dominantes que se manifestam através de sinais opressores e que tentam resistir a qualquer outra forma de contestações sígnicas, adotando um comportamento social monolítico.

Ao discutirmos nos moinhos de vento da cidade, quais direções tomar diante do casamento semiótica e literatura, chegou até nós o impulso da semiótica crítica ou do movimento contra-semiótica. As advertências ao substantivo se justificam na medida em que a semiótica pode muito bem representar a ciência dos sinais hegemônicos. Nesses termos, juntando-se semiótica e literatura, poderíamos nós deparar com uma contradição nos próprios termos da proposta, uma vez que o conceito de literatura não deva se ajustar ou se adaptar a visões de uma ciência que simplesmente reproduza sinais da dominação industrial e do mundo de serviços de nossos dias. O compromisso literário deve ser manifesto, antes de tudo, em favor dos seres humanos que sofrem.

Foi pensando na mulher, em si mesma e representada por seu discurso, onde se mesclam vozes dominadoras (o feminismo, por exemplo) e vozes dominadas (a mulher máquina das publicidades) que resolvemos — e aqui pretendo cumprir a minha parte do trato — identificar a mulher e seu discurso como duas realidades ainda em processo não hegemônico de afirmação social, mesmo que em certas oportunidades o matriarcalismo, o feminismo e a sedução pela sedução, inibam a força maior da mulher em nossa vida familiar e social.

Trezentos mil professores leigos

Outra vez, antes de atacarmos diretamente o nosso problema — o signo e seu alcance literário — e, a propósito de melhor conhecer a realidade de nosso país, identificamos um grupo de pesquisadores do Cenafor de São Paulo, liderado por Fernando Passos e Taunay Magalhães Daniel, que após um mês de trabalho junto aos habitantes da cidadezinha de Touros, no Rio Grande do Norte, concebeu e executou um projeto para professor-leigo, usando o saber regional como mediação do saber científico. É bom discutirmos a expressão: professor-leigo... porque, na realidade, existem muito menos professores-leigos e muito mais professoras-leigas. E se o Brasil dispõe hoje de 300 mil professores-leigos, a sua grande maioria é constituída por professoras-leigas, isso porque a expressão deveria consagrar muito mais a realidade daquelas mulheres que se dedicam ao ensino de 1º grau, de 1ª a 4ª séries, e que para tanto, não dispõem da formação necessária para a prática de tal ensino.

São as mulheres muito mais, e os homens muito menos, que ensinam a língua materna e tudo o que isso implica, mesmo que o façam sem as competências exigidas pelo Ministério da Educação, mas que o fazem assim mesmo, com esperança e senso de utopia, apesar dos 8 meses de atraso em seus vencimentos e de ganharem menos de 5 mil cruzeiros mensais no interior do Rio Grande do Norte.

Em Touros, um vilarejo de pescadores do Nordeste brasileiro, os homens pescam no mar, as mulheres ensinam e se dedicam a atividades

domésticas e os meninos e meninas gastam seu tempo na esperança de que um dia possam conhecer melhor o mundo de seus pais. Em Touros, todos — homens, mulheres, meninos e meninas — esperam, aguardam, com grande ansiedade, a volta do pai pescador. A pesca é a única atividade produtiva, mas ela é incerta, inquietante e angustiante, porque o pescador desaparece à tardinha, no mar, até que surja novamente, no dia seguinte, passando assim um bom tempo fora do alcance visual de suas mulheres e filhos. Em Touros, até bem pouco tempo atrás, as pessoas não sabiam que a terra era redonda, não tinham noção de espaço, de geografia e de localização.

Assim, o grupo do Cenafor, levado pelo índice da professora-leiga, chega até este povoado e passa a ver e compreender uma outra realidade muito mais grave: toda a população vivia intranqüila diante da insegurança com que se praticava a pesca. Os pescadores se orientavam pela constelação do Cruzeiro do Sul e quase se confundiam com os constantes deslocamentos dessas estrelas durante quase todo o ano civil.

Delineou-se daí um projeto semiológico a partir das professoras-leigas. Delas foi-se aos pescadores e destes às cinco estrelas do Cruzeiro do Sul. Passou-se então a conhecer melhor os signos vitais deste povoado de pescadores no Rio Grande do Norte. As mulheres serviram de índice, os homens serviram de sintoma e as estrelas funcionaram como sinais explicadores da vida do lugar. Cartazes gigantescos foram produzidos e, uma vez afixados nas portas das casas de Touros, indicavam aos pescadores da cidade as diversas posições da constelação nos diferentes meses do ano. Outros cartazes ainda foram feitos, ligando Touros ao Cruzeiro do Sul, passando pelo Rio Grande do Norte, Brasil, América do Sul e por todo o universo.

Repetindo, a mulher — professora-leiga — serviu de índice. As estrelas, serviram de sinais, a sabedoria local de sintoma e a ciência acumulada funcionou como “mátese” organizadora deste complexo semiológico feminino, situando essa cidadezinha coincidentemente chamada de Touros, no mapa geral do Nordeste brasileiro.

Erendira: libelo pela libertação da mulher

Dessas duas realidades ainda não literárias, nas quais brilha a presença semiológica da mulher ou do que é feminino, seja na utopia da plantação de cana em São Paulo, seja na esperança do retorno dos “Ulisses” potiguaras, toquemos agora a literatura, passando por Erendira, de Garcia Marquez, e chegando até Diadorim ou Deadorina, de Guimarães Rosa.

Falando sobre o cenário cinematográfico de Erendia, o prêmio-nobel colombiano dizia em recente entrevista a uma revista dedicada ao imaginário fantasioso masculino — a francesa **Lui**:

“Esta é a idéia que guardo das mulheres. Elas são as guardiãs e as que encarnam a ordem em nossa sociedade, enquanto que os homens correm o mundo a fora, presas que são de suas loucuras infinitas, que, certamente, fazem avançar a história, mas se eles assim agem, é porque estão certos de encontrar as suas mulheres em casa quando voltam de suas aventuras.”

“Erendira é o libelo o mais bárbaro que se possa imaginar contra os atos que impedem a libertação da mulher. Erendira se serve de todos os meios para conseguir sua liberdade, neles incluído, é lógico, o amor. Utiliza o jovem Ulisses, que representa a pureza dentro de um universo sórdido, para se libertar de sua situação difícil e constrangedora.”

E Marquez continua:

“O que importa é que o cenário-filme revela as condições de vida real de certas mulheres do Caribe. O que eu mostrei existe. Eu vi com meus próprios olhos. E isso continua até hoje. As jovens prostitutas de 14 anos, existem e como existem. Existem sempre os bordéis que se deslocam de cidade em cidade. Nada mudou aí neste sentido. Não tenho nada contra os bordéis. Sou contra a exploração das mulheres. O que me arrasa e assusta é que as prostitutas não tocam no dinheiro que ganham. Somente ficam com a mínima parte desse dinheiro.”

Ao afirmar que as mulheres são guardiãs da sociedade, representando a ordem em nosso mundo, enquanto os homens são navegantes e que sempre a elas retornam, García Marquez nos faz lembrar a poderosa Úrsula em “Cem Anos de Solidão”, e que as mulheres, muito embora sejam vítimas em nossa sociedade (Erendira é um exemplo), já trazem consigo a idéia de um poder ainda não poder, um poder que ainda não tem controle sobre sua própria realidade e sobre o seu próprio discurso. Úrsula permanece forte enquanto seus numerosos filhos e netos, de nomes mais ou menos parecidos (quase todos se chamavam Arcádios e Aurelianos), desaparecem e se ofuscam. Erendira e Úrsula nos dizem da virtualidade feminina, incontestemente, mas que o mundo dos poderes estabelecidos ainda não confirmou.

E García Marquez completa:

“As mulheres são a força de nossa sociedade. Elas são mais fortes que os homens. É por isso mesmo que somos tão machistas...”

A postura mais correta não é a revolta, nem o machismo e tampouco a aceitação de um autoritarismo feminino. O ideal seria a convivência entre as diversas manifestações de poderes parciais dentro da sociedade.

Marquez termina:

“Eu preciso das mulheres. Vivo cercado delas. Meu agente é uma mulher. Minha melhor amiga é minha esposa. Tenho melhores

relações com as mulheres do que com os homens. Estes são meus companheiros, mas minhas relações fundamentais são sempre com as mulheres.”

A mulher e seu signo não apresentam poder estabelecido. Significam poder em luta contra-hegemônica. O homem ainda detém o “status quo”. Uma semiologia não crítica estaria sempre do lado do homem. Basta olhar os símbolos publicitários e os símbolos informáticos. Por uma estranha ironia e às avessas, eles também estariam a indicar a força da mulher. O “cosmos eticus” não o seria sem a presença marcante das mulheres.

Riobaldo e Diadorim

Analisando a obra de Rosa, não há dúvidas de que o mais atraente em Grande Sertão: Veredas, são as relações amorosas ou quase-amorosas entre Riobaldo e Diadorim. Em seu épico majestoso produzido nos sertões do mundo, Guimarães Rosa não consegue se libertar do que poderia significar uma certa complascência para com um gosto de grande público. Essas relações são romanceadas, são sexualmente ambíguas, dramáticas e finalmente trágicas. O amor de Riobaldo — Diadorim — Deadorina, é o que há de mais humano e mesmo prazeroso, dentro desse poderoso épico ou dessa saga interiorana.

O texto diz:

“Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros — porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer. Se acostumavam de ver a gente permanente... Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei. Som como os sapos sorumbavam. Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que a gente não abria a boca; mas era um delém que me tirava para ele — o irremediável extenso da vida. Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto.”

Terminando por ora a citação, Maria Deadorina — Diadorim era a guia, a estrela do sertão que puxava, para si, o extenso da vida do bandido Riobaldo. Durante todo o desenrolar das lutas que travaram juntos no sertão, por missão, por vingança e também por amizade de um pelo outro, o épico de Rosa ganha organicidade dramática, na medida em que os ímpetos amorosos de Riobaldo vão sendo manifestos e contidos diante das situações em que se envolvia com Diadorim. O texto de Rosa é feito de numerosos avanços e recuos que mostram a dinâmica do amor dos dois jagunços.

Grande Sertão: Veredas sai do épico e passa do dramático a partir da morte de Diadorim na grande batalha final do Liso do Suassuarão. Eis o relato de Rosa:

“Constante a que a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como ela mesma, embebendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repísado. E a beleza dele permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó de palidez, feito a coisa e máscara, sem gota cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca de duráveis.. .Não escrevo, não falo — para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo. Diadorim... . Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo mundo sair. Eu fiquei. E a mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse. Diadorim — nu de tudo. E ela disse:

— A Deus dada. Pobrezinha...”

“E disse. Eu conheci. Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... **Que Diadorim era corpo de uma mulher, moça perfeita...** Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha...”*

“Era ela. Tal que assim se desencatava, num encanto tão terrível; e levante mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. **Uivei. Diadorim. Diadorim era uma mulher.** Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluzei o meu desespero. O Senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.”

“Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável; abaixei meus olhos. E a mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca...”

Posteriormente Riobaldo descobriu o batistério de Diadorim: “O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins — que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor. Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? ... Da matriz de Itacambira. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos.”

Segundo o pai de Diadorim, Joca Ramiro, naquele lugar sertão, só tinha vez para homem jagunço e mulher prostituta. Querendo ele dar à sua filha uma vida um pouquinho melhor, fez dela um homem, um belo jagunço, que serviu de inspiração e guia a todo

o percurso do outro jagunço Riobaldo em suas andanças e lutas pelo sertão a dentro.

Aqui, em Guimarães Rosa, a mulher é também estrela, é inspiração de vida, mas conserva seu corpo proibido de ser tocado, corpo sagrado de mulher, e é índice da rusticidade e da dureza da vida sertaneja. Afí a vida é essencialmente perigosa. E Deadorina dava forças a Riobaldo para que ele continuasse na luta, para que ele não perdesse suas esperanças; ela trazia consigo a bandeira da utopia de vingar seu pai e, principalmente, de limpar o sertão dos bandidos ruins. A missão era como uma santa cruzada; os demos, os maus bandidos e os hermógenes tinham que ser exterminados. Uma assepsia se fazia necessária para que se humanizasse aquele grande sertão. O tempo de Lampião e de Antônio Dó já devia ter passado definitivamente. Essa mulher-homem, esse homem, essa mulher, era a estrela, a guia, era o índice de que o sertão poderia ser belo, feminino, formoso, como se fosse uma enorme vereda ou um fértil buritizal. Haveria então o sinal de que as águas do Urucúia poderiam ser límpidas e até banhar um belo corpo de mulher.

Concluindo essas considerações relativas à mulher, seja aquela da plantação de cana, seja a outra professora-leiga, seja a mulher realidade ou ficção, a mulher do sertão de Minas e da Bahia (ou do mundo), seja Deadorina, Maria Bonita, seja Erendira ou Úrsula, o que se deseja nessas ilações ou uniões é a reafirmação de que: tanto no signo mimético do real, quanto no signo do real literalizado, a mulher tem sentido de força, de fortaleza, de beleza, de formosura, tem força de ordem, de lei, de código, de escolha. Mas, trata-se muito mais de uma significação ainda em fase de conquista e que só aparece por vias ainda imperfeitas ou travessas.

Homem/Mulher

Os símbolos da mulher forte, vindos dos movimentos feministas ou dos contra-movimentos machistas, ainda são colocações indevidas ou impuras dessa ascensão significativa da mulher.

A mulher é forte. A mulher é bela.

A mulher é mais forte do que o homem. A mulher é mais bela do que o homem.

A mulher é mãe, ela tem seios que amamentam os filhos e os amantes.

O homem conhece suas impotências. Afirma-se pelo seu órgão masculino. Mas sabe muito bem que este só tem função se acoitado pelas dobras formosas do corpo feminino. A mulher é esperança e utopia. Isso porque simplesmente ela não é força hegemônica dominadora. A mulher é sinal de uma força em conquista, em ascensão. Por tudo o que a mulher

significa, por ser um símbolo de poder que ainda não o é, ela pode ser identificada com um sinal representativo de uma semiologia crítica.

Até a mulher máquina e objeto da publicidade, até a Eva que ressurge nos anúncios informáticos, secundando as proezas digitais do novo Adão, é sinal, às avessas, de que um poder maior está ainda por existir e a se firmar: ser mulher. E para que haja essa eclosão da mulher e de seu signo — também de seu discurso — nada melhor do que recorrermos à função da escritura literária, que, nos dizeres de Alejo Carpentier, tem compromissos maiores com os diferentes tipos de vida do ser humano em sociedade, mesmo que para cumprir tal missão, não disponha do domínio total sobre as tecnologias da moda. Ele diz em “Literatura e Consciência Política na América Latina”:

“Eu pertenço a um país pequeno: Cuba, onde, no momento mais difícil da ascensão do socialismo, Fidel Castro, reunido com escritores e artistas do seu país, lhes disse, talvez por outras palavras: ‘Façam o que quiserem, exprimam-se como quiserem, exprimam o que quiserem, trabalhem como quiserem, mas não trabalhem contra a revolução’. Portanto, escolhi as vossas ferramentas, as vossas formas, as vossas técnicas, mas não percais o sentido real do epos vivente que vos circunda e que se envolveu num tempo que num instante será dez anos. Escrever é um meio de ação e não é concebível senão em função dos seres aos quais esta ação concerne... Ora bem: no divórcio que se observa entre os epos técnico e o epos coletivo, o romancista, compreendendo o seu mundo, o epos que lhe é próprio, que possui, que domina, pode entretanto fazer escutar a sua voz e fazer um trabalho útil. O romance está muito longe de estar morto; independentemente da linguagem técnica que talvez compreenda melhor o amanhã, dispõe entretanto da linguagem de cada dia, linguagem dos velhos narradores, que ainda está muito longe de se ter esgotado em todos os seus recursos.”

Terminando diríamos que não sendo a sociedade monolítica, os valores e sinais hegemônicos não exercendo um controle total sobre a cidade, campos e espaços existem e, muitos, para que floresçam novos discursos, novas para-hegemonias, para que a mulher conquiste o espaço a que tem direito na sociedade, para que o signo verbal literário possa fazer face à explosão dos ícones da moda. A linguagem-racionalizada binária dos dígitos informáticos pode muito bem significar o poder estabelecido do homem. E, a linguagem-racionalizada sentimento das metáforas e metonímias literárias pode muito bem dar sentido aos poderes emergentes da mulher.